

**A formação de ondas de opinião de expoentes do bolsonarismo sobre o banimento do ex-presidente dos EUA, Donald Trump, no Twitter**

*The formation of waves of opinion on the ban of former US President Donald Trump by exponents of Bolsonarism, on Twitter*

Cândida NOBRE<sup>1</sup>  
Geilson Fernandes de OLIVEIRA<sup>2</sup>  
Maria das Graças Pinto COELHO<sup>3</sup>

**Resumo**

Este artigo analisa a repercussão em perfis da direita brasileira no Twitter quando do banimento do ex-presidente dos EUA, Donald Trump, das plataformas de redes sociais, ocorrido em janeiro de 2021. Na dinâmica das redes, as discussões sobre esse episódio se intensificaram e uma variedade de perfis passou a expor opiniões em relação ao acontecimento e ao posicionamento das plataformas. A análise da repercussão dos fatos descritos indica uma dinâmica em defesa do ex-presidente, bem como contrárias às ações tomadas pelos sites de redes sociais, vistos como agentes de censura e de práticas ditatoriais, posição atravessada por um discurso conservador articulado à promoção da desinformação.

**Palavras-chave:** Banimento. Donald Trump. Twitter. Direita brasileira. Plataformas de redes sociais.

**Abstract**

This paper analyzes the repercussion in Brazilian right-wing profiles on Twitter of US President Donald Trump being banned from social network platforms, which took place in January 2021. In typical social networks dynamics, discussions on said episode intensified, with various different profiles exposing opinions regarding the ban as well as the platforms' positioning on doing so. Analysis of the repercussion of the facts above described indicates the existence of a dynamic favoring the defense of the ex-president and against the actions taken by the social networking websites, which are seen as agents of censorship and dictatorial practices, a position pervaded by a conservative speech linked to the promotion of disinformation.

**Keywords:** Banishment. Donald Trump. Twitter. Brazilian Right-Wing. Social Network Platforms.

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos da Mídia (UFRN). Membro do GEMINI – Análise e Pesquisa em Cultura, Processos e Produtos Midiáticos (UFRN). E-mail: candidanobre@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Estudos da Mídia (UFRN). Membro dos GP's GEMINI – Análise e Pesquisa em Cultura, Processos e Produtos Midiáticos (UFRN) e Informação, Cultura e Práticas Sociais (UERN). E-mail: geilson\_fernandes@hotmail.com

<sup>3</sup> Doutora em Educação. Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPgEM – UFRN). E-mail: gpcoelho08@gmail.com

## Introdução

Em um contexto marcado pelos processos de midiatização não é de se estranhar que muitas das principais discussões sobre a política tenham emergência e vazão por meio das plataformas de redes sociais, fenômeno que no Brasil ganha outra expressão, já que o país está entre os que mais estão presentes nessas redes<sup>4</sup>.

Diversos assuntos se tornam pauta para debates, os quais ganham corpo conforme os processos de interação e engajamento. Neste artigo, interessa analisar as reverberações que tiveram a sua irrupção no Twitter quando do banimento do ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, de algumas plataformas de redes sociais. A análise se dá a partir de *posts* produzidos por perfis do segmento político de direita<sup>5</sup> no Brasil entre os dias 04 e 11 de janeiro de 2021, período que compreende a invasão do Capitólio nos EUA por apoiadores do ex-presidente citado (em 06 de janeiro), bem como do movimento de bloqueio e suspensão de contas que expunham conteúdos que, segundo as plataformas, promoviam “incitação à violência”, “discurso de ódio”, “desestabilização do processo de transição política” e “riscos” à democracia e a sociedade<sup>6</sup>. Destaca-se o banimento da conta de Donald Trump, evento inédito tanto pelos conflitos e cenário de desinformação gerados pelo personagem, quanto pela atitude tomada por parte das plataformas.

Em 7 de janeiro de 2021, Trump teve as contas do Facebook e Instagram suspensas por tempo indeterminado ou, pelo menos, até o término do mandato. Em seguida, após já ter apagado vários *posts* do ex-presidente e até mesmo ter suspenso a sua conta por 24h, em 8 de janeiro, o Twitter também bloqueou permanentemente o perfil de Trump, de modo que os conteúdos até então publicados não poderiam ser mais

<sup>4</sup> Segundo relatório de pesquisa da Comscore, publicado em 2019, o Brasil é o país que mais está conectado às redes sociais na América Latina. Disponível em: <https://bityli.com/bAvqX> Acesso em 20 dez. 2020. Já em relação ao tempo conectado, pesquisa da empresa britânica GlobalWebIndex indica que o Brasil é o segundo país em que as pessoas ficam por mais tempo conectadas nas redes, perdendo apenas para as Filipinas. Disponível em: <https://bityli.com/0EvAt> Acesso em: 20 dez. 2020

<sup>5</sup> Não é de interesse aqui retomar definições sobre o espectro político de direita, contudo, ressalta-se que o sentido utilizado toma como base a percepção de Bobbio (1995, p. 95), a qual defende que aquilo que diferencia a esquerda e a direita “é a diversa postura que os homens organizados em sociedade assumem diante do ideal de igualdade”. Nesse sentido, quando nos referimos à direita, estamos falando, como assinalado por Kaisel (2015), de um segmento marcado pelo conservadorismo, não muito afeito às mudanças sociais mais radicais e apegado ao modelo liberal em sua concepção de Estado.

<sup>6</sup> Conforme disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55580191> Acesso em: 08 jan. 2021.

visualizados. Outras plataformas tomaram decisões semelhantes, como o Snapchat, também com a remoção da conta do ex-presidente, e o Youtube, com a suspensão da conta por uma semana e remoção de vídeos em que Trump elogiava os invasores do Capitólio e colocava sob suspeita as eleições em que ele saíra como perdedor. Ao mesmo tempo, como estratégia de manutenção e permanência nas redes, Trump passou a defender o uso do Parler, rede conhecida por reunir usuários da direita, vista como “sem censura”. No entanto, a Google, a Apple e a Amazon baniram o Parler de suas lojas de aplicativos, mais uma vez sob a justificativa que os usuários estavam promovendo a violência em seus discursos.

Diante do contexto singular, reflete-se sobre o processo de plataformização da sociedade e de suas discussões, pensando seus efeitos e limites, tendo como pano de fundo o cenário já apresentado e tomando como base a observação e análise da repercussão desses acontecimentos na própria rede, especificamente, no Twitter, plataforma que possui uma arquitetura diversificada nos itens entretenimento, cultura, esportes, lazer e política, com formação de bolhas ideológicas bem delineadas em cada um dos itens expostos, a qual foi selecionada considerando a presença e vazão de discussões sobre política que nela se engendram (ORTELAO, 2018). No espectro à direita, é possível encontrar nós de seguidores específicos que se desatam em perfis de apoiadores do governo Bolsonaro, remanescentes de engajamento em jogos on-line, os quais são associados aos movimentos supremacistas da extrema-direita global, articulando-se com as narrativas dos acontecimentos que lhes são de interesse, como quando das eleições dos EUA, derrota de Trump e seu banimento das plataformas de redes sociais.

Com efeito, são analisados 9 perfis<sup>7</sup> da direita brasileira por uma semana, os quais foram eleitos por representarem os nós, *hubs* e redes de onde saem os gritos de guerra que vão direcionar a discussão política ou cultural do dia. Isto, a fim de identificar quais foram os posicionamentos, estratégias adotadas e efeitos de sentidos produzidos, visando perceber as dinâmicas dos grupos da direita brasileira em relação aos acontecimentos inerentes à direita mundial, especialmente, a estadunidense. Metodologicamente, parte-se de um processo de observação do fenômeno, coleta de dados, tratamento, descrição e posterior tensionamento entre teoria e empiria (377

---

<sup>7</sup> Apesar dos perfis e seus conteúdos serem públicos, por questões éticas do fazer pesquisa, seus usuários não serão identificados.

publicações coletadas) para a promoção de interpretações e análises acerca do caso investigado.

### **Twitter e os desafios de regulação em um contexto de plataformação**

Apesar das diversas possibilidades do que poderia vir a ser, a internet contemporânea e os espaços por onde se navega foram consolidados mediante protocolos, infraestruturas, regras e modelos de negócio que trouxeram desafios à democracia, à criatividade e à liberdade de expressão. Segundo Silveira (2019), essas questões possibilitam afirmar que, apesar do sucesso tecnológico, a internet mergulhou em uma profunda crise nos últimos anos.

Dentre as características que fazem emergir tal cenário, a plataformação consolida-se como um de seus principais vetores. Definidas como “infraestruturas digitais que permitem que dois ou mais grupo interajam<sup>8</sup>” (SRNICEK, 2018, p.45), as plataformas funcionam como mediadoras entre usuários, podendo estes serem empresas, indivíduos, grupos de indivíduos, governos ou outras instituições.

É necessário destacar que sob o “guarda-chuva” conceitual de “usuário” também podem estar inseridas máquinas (ao se pensar em internet das coisas) ou outros modos de inscrições algorítmicas, a exemplo de *bots* e dos próprios modelos de organização e infraestrutura que as plataformas impõem (SRNICEK, 2018). Dessa maneira, Lima (2018, p.17) explica que “as próprias plataformas digitais, nesse sentido, não podem ser encaradas como meras facilitadoras neutras da produção de conteúdo, mas como empresas que introjetam seus interesses na programação desses ambientes de sociabilização”.

Tais interesses nem sempre se revelam de modo explícito, seja nos usos ou na própria descrição que a plataforma faz sobre si mesma. Conforme explica Araújo (2017, p.71), há uma tendência do discurso das empresas em valorizar a conectividade humana e minimizar o impacto da conectividade automatizada o que “[...] possibilita observar uma tentativa de apagamento da agência das plataformas digitais”. Quanto aos casos de formações de redes de conversação, bem como políticas para manutenção ou remoção de conteúdos analisados neste artigo, trata-se de um processo de regulação que apesar

---

<sup>8</sup> Tradução dos autores. Do original: “[...] infraestructuras digitales que permiten que dos o más grupos interactúen” (SRNICEK, 2018, p. 45).

de ocorrer de maneira partilhada mediante agência dos indivíduos que interagem e denunciam os casos e do sistema da própria plataforma é ela, pois, a responsável pela palavra final.

Van Dijck (2016) ressalta a contradição no desejo do cofundador e executivo do Twitter Jack Dorsey acerca da plataforma: convertê-la em um serviço público tal qual a água ou a eletricidade. Passados os anos, a rede reconfigurou seu design e termos de uso diversas vezes, o que a permitiu ter se tornado um espaço consolidado na cultura digital, destacando-se em particular como arena de debates, mobilização e disputas políticas, não apenas no Brasil, mas em diversos países do mundo.

Assim como em outras redes sociodigitais, o fluxo e a dinâmica das conversações são atravessadas por negociações entre indivíduos e plataforma, sendo regulado, a princípio, de forma partilhada. Segundo dados do próprio Twitter<sup>9</sup>, desde 2012 há um esforço no sentido não apenas de regular as práticas, mas tornar suas próprias ações mais transparentes e acessíveis. As regras, diretrizes e políticas legais buscam se organizar em assuntos que vão dentre vários outros, os direitos autorais, a propagação de ódio, o comportamento abusivo e, mais recentemente, desinformações sobre a covid-19<sup>10</sup>.

A violação das políticas, de um modo geral, é passível de remoção do conteúdo denunciado pelos usuários (ou por solicitações jurídicas) que pode ser tanto uma publicação específica quanto um perfil. A exceção ocorre, entretanto, quando o *post* é de representantes públicos eleitos e/ou de governos, segundo a plataforma, devido ao interesse público envolvido nessas declarações (TWITTER, 2021). De acordo com a Central de Ajuda do Twitter, nesses casos, o *post* fica oculto por um aviso que contextualiza a violação, mas permite ao usuário clicar e ver o conteúdo.

Ainda segundo a plataforma, a ocultação limita o engajamento por meio de curtidas, retuítes ou compartilhamentos, garantindo a não recomendação dele por meio dos algoritmos (TWITTER, 2021). Foi o que ocorreu em janeiro de 2021 com o presidente Jair Bolsonaro e, em seguida, com o perfil do Ministério da Saúde. A violação de ambos foi enquadrada como tentativa de propagação de “informações

---

<sup>9</sup> Outras informações sobre os relatórios de transparência podem ser acessadas em: <https://transparency.twitter.com>

<sup>10</sup> Mais informações acerca das diretrizes, regras e políticas legais do Twitter podem ser acessadas em: <https://help.twitter.com/pt/rules-and-policies#twitter-rules>

enganosas e potencialmente prejudiciais relacionadas à covid-19”, conforme é possível visualizar nas figuras abaixo:

Figuras. 1 e 2 - Violação das regras de uso da rede por perfis de representantes eleitos e de governo.



Fonte: @jairbolsonaro e @minsaude

A regra supramencionada fora aplicada a outros líderes, como o ex-presidente estadunidense Donald Trump. Entretanto, após a invasão do Capitólio, houve a suspensão da conta em si, em um ato que o CEO do Twitter Jack Dorsey (2021)<sup>11</sup> definiu como uma ação tomada a partir de informações de ameaça à segurança física, dentro e fora da rede. Em uma *thread*<sup>12</sup> publicada no dia 13 de janeiro de 2021, Dorsey destaca o caráter extraordinário da decisão e ressalta que tal estratégia a longo prazo pode ser perigosa ao abrir um precedente de intervir no debate público mediante o poder que uma empresa possui sobre uma parte das conversas públicas globais.

### Trump banido: reverberações em perfis da direita brasileira no twitter

A suspensão de *posts* e, posteriormente, da própria conta de Donald Trump motivou uma torrente de notícias nos principais portais jornalísticos em todo o mundo, os quais davam conta do ineditismo do acontecimento e seus desdobramentos. Não diferente, nas redes sociodigitais o episódio se tornou o cerne das discussões

<sup>11</sup> A *thread* de Jack Dorsey pode ser conferida em: <https://twitter.com/jack/status/1349510769268850690>. Acesso em: 18 de jan. 2021.

<sup>12</sup> *Thread* (ou fio) é um encadeamento de tuítes criado pelos usuários para romper com o limite de 240 caracteres por publicação e apresentar um raciocínio maior acerca de um determinado evento.

promovidas, chegando a ocupar lugar de destaque entre os assuntos mais comentados no Twitter Brasil e também mundial. Nas postagens, se encontravam questões diversas: discussões sobre o acontecimento, análises, campanhas etc.

Para Van Dijck (2016), apesar do Twitter já ter sido metaforizado como uma “assembleia” on-line para a comunicação coletiva, ou apenas como amplificador de vozes individuais e/ou opiniões coletivas, formadas em meio à dispersão de interesses e conteúdos, hoje, “[...] começa a mostrar-se cada vez mais como um potente instrumento para fomentar ideias e manipular opiniões”<sup>13</sup> (VAN DIJCK, 2016, posição 2273, livro on-line), muitas vezes, a partir de grupos ou opiniões não mais dispersas, mas organizados e estruturados, como pode ser observado quando da análise da empiria.

Nos perfis da direita brasileira analisados, o episódio ganhou vazão pela surpresa causada, assim como pela defesa da permanência de Trump nas redes, haja vista que o seu banimento foi compreendido como uma ação antidemocrática e de censura, o que na leitura desse grupo caracterizou uma posição dessas plataformas rumo ao totalitarismo, perspectiva que indica uma contradição em relação aos conteúdos postados pelos próprios perfis, uma vez que alguns deles se identificam com a ideia de livre mercado, como apontado em algumas “bios” (quadro 1). Agora, no entanto, passam a solicitar revisões quanto a essa liberdade e poder das plataformas.

QUADRO 1 - Os perfis

Perfis	Bio	Outras informações
@Perfil1	Ex-dilímólogo.	No twitter desde 2014. 669,9 mil seguidores. Segue 976.
@Perfil2	Conservador - Pai - Cristão - Educador - Empreendedor - Escritor - Articulista - Investidor. “O bem que o Estado pode fazer é limitado. Já o mal, infinito.”	No twitter desde 2010. 446,1 mil seguidores. Segue 457. No perfil, após o seu nome, usa as bandeiras do Brasil, EUA, Alemanha e Itália
@Perfil3	Professor de Política Internacional, analista político, e Assessor Especial para Assuntos Internacionais [...].	No twitter desde 2017. 354,2 mil seguidores. Segue 523. Perfil certificado.
@Perfil4	Yahveh é meu pastor, nada me falta. Ordem. Justiça. Liberdade. Religião. Filosofia. Direito. Conservadorismo. Liberalismo. Democracia. [...].	No twitter desde 2011. 225,4 mil seguidores. Segue 1187. No perfil, antes do seu nome, usa a bandeira do Brasil. Perfil certificado.
@Perfil5	O homem que se tornará o REI DOS PIRATAS -	No twitter desde 2009. 212,3 mil seguidores.

<sup>13</sup> Do original: “[...] el sitio ha comenzado a mostrarse cada vez más como un potente instrumento para fomentar ideas y manipular opiniones.”

	Dizem que sou o cara dos dossiês, mas apenas passo pano pro Mestre Olavo, Mito, Tias e Tios do Zap	Segue 386.
@Perfil6	Empresário/Economista/Jornalista. Relações Internacionais pela London School of Economics. US Government e Negociação por Harvard. Economia no MIT.	No twitter desde 2016. 163,4 mil seguidores. Segue 619.
@Perfil7	Sem informações na bio.	No twitter desde 2017. 148.1 mil seguidores. Segue 1550.
@Perfil8	Sem informações na bio.	No twitter desde 2010. 106,2 mil seguidores. Segue 367.
@Perfil9	Deus, Família, Pátria! Perfil do empresário e investidor [...]. Conservador, antiglobalista, anticomunista, e elliotician nas horas não tão vagas.	No twitter desde 2019. 65,7 mil seguidores. Segue 3648. No perfil, após o seu nome, usa por duas vezes a bandeira do Brasil, uma vez a bandeira de Israel, Estados Unidos e Líbano.

Fonte: twitter.com, 2021.

Como pode ser notado, alguns já explicitam suas posições em suas respectivas “bios” (descrições), demarcando territórios e modos de ver o mundo. De forma recorrente, observa-se a (re)afirmação de suas posições no espectro político da direita, como conservadores, religiosos e liberais. Formado sumariamente por pessoas brancas e predominantemente por homens<sup>14</sup>, percebe-se o apego aos modelos patriarcais de sociedade, bem como a incidência dos marcadores de diferença inerentes à raça.

Com uma lógica e estratégia bem articuladas, as discussões promovidas por esses perfis, que juntos somam mais de 2,4 milhões de seguidores, têm expressivo engajamento e circulação, seja devido a quantidade de seguidores, curtidas, respostas e *retuítes* que recebem, seja pelo fato de estarem atentos às lógicas das redes e ao cenário de convergência compreendendo o uso de diversas redes e linguagens, convocação dos seguidores para o consumo de outros conteúdos – sites, podcasts, programas etc. Nesse cenário, os sentidos que esse grupo de perfis produziu quando do episódio de banimento de Donald Trump das plataformas foram efusivos e similares: foi ultrapassada uma fronteira pelas gigantes do mundo da tecnologia e da comunicação, as chamadas *big tech*, como expresso nas figs. 3 a 6.

<sup>14</sup> Dentre os 9 perfis, há apenas uma mulher (@Perfil7) e no que se refere à raça, todos são brancos. Tal aspecto reflete uma dinâmica de valorização de perfis masculinos entre os grupos da direita, revelando ainda a sua composição como eminentemente constituída por pessoas brancas.



Figuras. 3, 4, 5 e 6 - Posições assumidas



Fonte: @Perfil2, @Perfil1, @Perfil7 e @Perfil5

De forma uníssona, o grupo apontou que a suspensão da conta de Trump se tratava de uma “escalada autoritária”, “ataques à liberdade de expressão” e “censura”, haja vista que nas sociedades democráticas a liberdade é um direito, defendem. As justificativas dadas pelas plataformas de que a presença e os conteúdos postados pelo ex-presidente implicava em “riscos” parecem, dessa forma, não convencer, o que segundo os usuários demonstra uma ação seletiva, uma vez que outros perfis – indicados como verdadeiros ditadores e ameaças à democracia – nunca tiveram suas contas suspensas, mencionando como exemplos o perfil de Nicolás Maduro, Venezuela, e o de Ali Khamenei<sup>15</sup>, líder supremo do Irã.

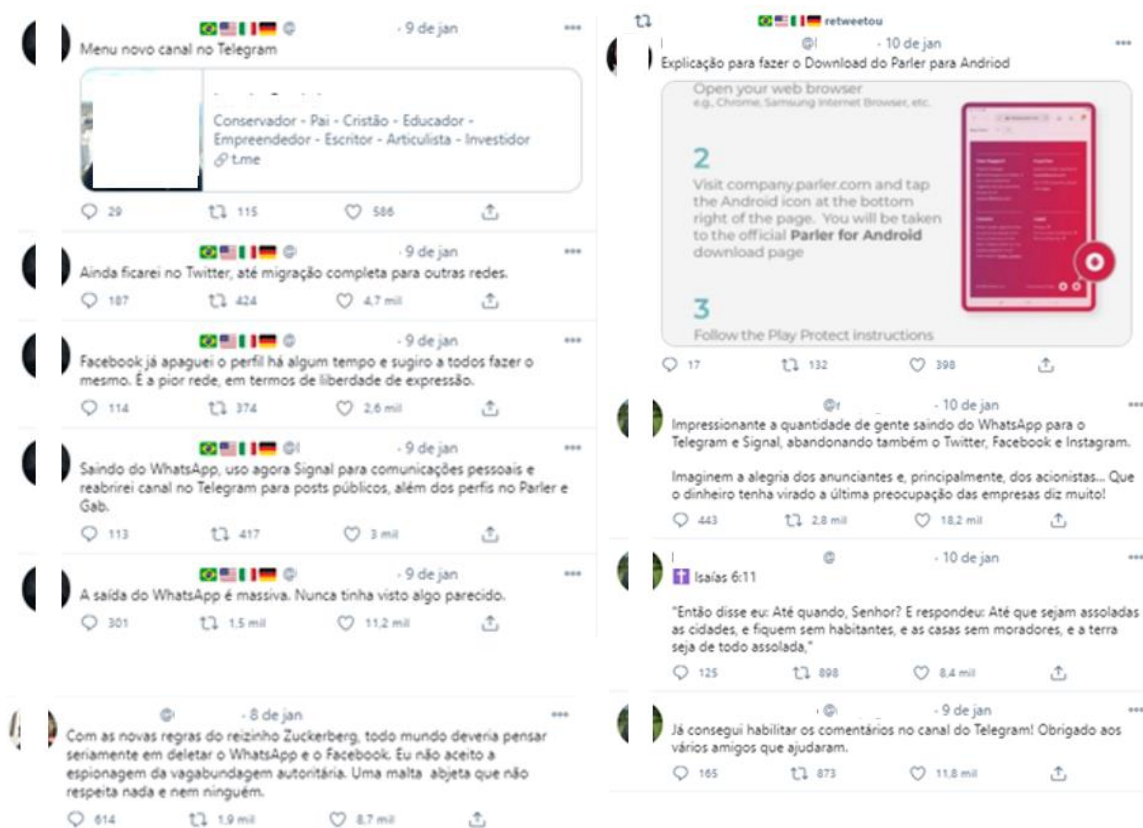
A partir de um entendimento acerca de uma suposta seletividade das plataformas, as críticas a elas direcionadas tiveram repercussão e respaldo no grupo investigado e seus seguidores, reforçando a premissa de que as plataformas estariam vinculadas comercial e ideologicamente a algumas figuras, como a do presidente eleito nos EUA, Joe Biden, aos chineses e até com o próprio espectro político da esquerda,

<sup>15</sup> Posteriormente, em 22 de janeiro, o Twitter também suspendeu a conta vinculada ao aiatolá Ali Khamenei, Líder Supremo do Irã. A suspensão foi feita horas depois do perfil do líder ter postado uma aparente ameaça contra o ex-presidente dos EUA, Donald Trump.

dando forma a uma leitura carregada para além de suposições alicerçadas em desinformação, de contradições.

Como forma de responder às plataformas, novas estratégias para além das acusações foram formuladas, as quais indicam uma dispersão, já que ao mesmo tempo há a sugestão de abandono das redes e migrações para outras mais “livres”, como o Parler e Telegram (figs. 7, 8, 9 e 10), assim como uma convocação à permanência e ocupação nas redes já utilizadas (figs. 11, 12 e 13), considerando que a saída delas reforçaria e daria margem para o domínio de outros segmentos políticos, os quais passariam a ter maior espaço, levando em conta o poderio das redes que alguns se propunham a abandonar nos processos de produção e circulação de informações, bem como o seu suposto apoio para a esquerda. Nesse ínterim, também houve campanhas para o uso da imagem de Trump como foto de perfil, bem como foi proposto um “*dia do silêncio*” (*Silence Day*) em apoio ao silêncio imposto a ele.

Figuras. 7, 8, 9 e 10 - Migração e campanhas



Fonte: @Perfil2, @Perfil7 e @Perfil6

Figuras. 11, 12 e 13 – Ocupação



Fontes: @Perfil4, @Perfil5 e @Perfil3

No processo de migração, o Parler foi a rede escolhida. Contudo, conhecida como uma plataforma que agrega usuários da direita, logo foi retirada da loja de aplicativos da Apple, Google e Amazon, sendo acusada de não tomar as medidas necessárias contra incitação de violência e ódio. Esse foi visto como mais um golpe sofrido, o que acabou por reforçar, na visão do grupo investigado, o cenário de perseguição, muitas vezes associando essa “perseguição” àquela sofrida pelos cristãos em muitos países, como afirmado por @Perfil3 (fig. 13), o que reforça as imbricações referentes aos sentidos da direita para além do conservadorismo e liberalismo: o apego a determinados preceitos ou modelos religiosos, como aponta Villazón (2015) em suas análises sobre a direita e suas relações com a religião no contexto da América Latina.

Se tem, então, uma inversão em relação aos sentidos das ações tomadas pela plataforma, o que é mais uma característica identificada no grupo perscrutado. Os perfis fazem leituras dissonantes sobre as medidas tomadas pelas plataformas, ao passo em que naturalizam as postagens de Trump sem realizarem uma leitura crítica sobre a incitação à violência e a desinformação por ele promovida. Além disso, segundo o viés adotado, a liberdade de expressão seria um valor universal e ilimitado. Logo, as advertências, principalmente quando direcionadas ao seu grupo e respectivos líderes, seriam formas de censura e violência.

Teóricos de diversas áreas discutem sobre a questão da liberdade de expressão, debate que tem sido atualizado considerando o contexto digital. A grande maioria aponta para as violações e os limites jurídicos inerentes a esse princípio, especificamente, quando os seus efeitos tendem a induzir a violência, discurso de ódio e

desrespeito aos direitos humanos (FREITAS, CASTRO, 2013). É fato que o episódio ocorrido com Trump abre novos precedentes, assim como indica uma maior responsabilidade por parte das plataformas e desafios no gerenciamento de conteúdos, como explicitou Jack Dorsey, CEO do Twitter, em sequência de *posts* anteriormente mencionados.

O crescimento vertiginoso de grupos de direita ou extrema direita, com retóricas e estratégias fundadas na presença e articulação por meio de plataformas de redes sociais é um fenômeno de dimensões significativas que se encontra ainda em ascensão. A partir do uso de estratégias de comunicação, esse movimento tem produzido efeitos nos diversos sistemas políticos, indica Kramer (2017). Até então, sem interferência mais direta das próprias plataformas, esses grupos possuíam certo domínio das redes e seus usos, tornando-os meios “oficiais” de comunicação de alguns agentes políticos, como Trump nos EUA e, no contexto brasileiro, Jair Bolsonaro, promovendo a desvalidação dos meios de comunicação tradicionais, bem como do próprio jornalismo profissional, o que agora, a partir das ações das plataformas se estende também para elas, como pode ser visto por meio das reverberações expressas por meio de texto e também em imagens, outra prática de comum uso e propagação por parte da direita.

Nas imagens postas em circulação, mais do que a extensão do que é dito textualmente, se tem a validação por meio da inserção no imaginário de símbolos previamente definidos e articulados. Nelas, verifica-se a reafirmação do sentido de autoritarismo e controle das redes, bem como o quanto os usuários comuns são reféns de uma forma de governo, o que acaba por demonizar as plataformas enquanto absolve aqueles que dela foram banidos. Algumas vezes configuradas como memes<sup>16</sup>, estas imagens passam a ser facilmente replicadas, ganhando outros territórios e ultrapassando, como atesta Santos (2019), o véu do humor ou crítica que carregam, atuando no fortalecimento de crenças a partir de uma vinculação afetiva, no caso, de repulsa às plataformas.

Logo, o seu efeito passa a ser mais efetivo do que o de discursos verbais. Já o uso frequente aponta para o domínio de plataformas e linguagens por parte da direita. Domínio e apropriação que não é apenas técnico, mas também simbólico. Na definição

---

<sup>16</sup>Para Martino e Grohmann (2017, p. 96), os memes podem ser definidos como uma ideia que se espalha entre os seres humanos e “[...] encontram sua materialidade na forma de imagens, vídeos, frases, enunciados, discursos e mesmo práticas sociais presentes nos mais inesperados espaços, mas, em especial, podem ser encontradas no ambiente das mídias digitais, nos quais a proliferação de memes parece ser particularmente alta”.

de Lemos (2015, p.238), a apropriação simbólica refere-se às construções de sentidos e significados que se depreende dos usos dessas ferramentas, na maioria das vezes, saindo até mesmo do escopo inicialmente proposto pelos dispositivos e plataformas. Por isso mesmo, superando, e muito, o domínio técnico.

Conforme Silveira (2015), especificamente em relação ao Brasil, políticos e grupos da direita passaram a ter maior presença nas redes a partir de 2013, o que segundo ele está articulado ao fenômeno das jornadas de junho e a consequente cooptação das suas discussões pela direita. Posteriormente, essa presença vai se ampliando, seja em relação ao número de perfis e de engajamento a partir das eleições de 2014 e, adiante, o movimento de impeachment de Dilma Rousseff e eleições de 2018, quando se observa uma dinâmica de interações intermediadas com a emergência de *bots*, *fake news* e disparo de mensagens, esses últimos aspectos, também indicados por outros autores como Porcelo e Brites (2018) e Tardáguila, Benevenuto e Ortellado (2018).

Concomitantemente, essas características estão presentes nas postagens coletadas durante o período analisado. Nelas, de forma recorrente, algumas de suas informações são atravessadas pela desinformação. Suspeitas são levantadas, por exemplo, sobre as últimas eleições dos EUA, projetando a ideia de que o banimento de Trump das redes, assim como de outros perfis que também foram suspensos<sup>17</sup>, teve como objetivo encobrir um processo de fraude eleitoral.

---

<sup>17</sup> Após banir Trump, mais de 70 mil contas associadas a movimentos extremistas foram suspensas do Twitter. Ver mais em: <https://bitly.com/vVHUG> Acesso em: 13 jan. 2021.

Figuras. 14, 15 e 16 – Desinformação



Fontes: @Perfil8, @Perfil2 e @Perfil7.

A promoção da desinformação não é uma prática nova, tendo sido amplamente utilizada como estratégia de campanha nas últimas eleições brasileiras e, em um cenário internacional, nas eleições dos EUA em 2016, bem como quando do referendo do Brexit no Reino Unido, no mesmo ano (GOMES, DOURADO, 2019, p.35). Dada a audiência e engajamento que os perfis citados possuem, as informações por eles postadas têm valor e confiabilidade para seus públicos, podendo influir diretamente na capacidade de formação de opiniões políticas, bem como reforçar preconceitos ou posicionamentos xenofóbicos, como quando da associação da pandemia a um plano da China para “arruinar” as eleições nos EUA. Isto, considerando o fato de que, como atestado por Van Dijck (2016), se antes “seguir” outro usuário significava conectar-se com o objetivo de interação e intercâmbio, hoje este ato está mais associado ao sentido de “comprar” suas ideias, tomá-las para si como autênticas e verdadeiras.

Como identificado nas figuras, diferentes usuários compartilham suposições semelhantes por meio de uma linguagem clara e acessível, relacionando as informações a boatos já conhecidos, bem como fazem uso de *retuítes*, o que reforça o encadeamento da rede. Tudo isso, segundo Lewis (2018), no intuito de amplificar públicos e aumentar a exposição das informações, as quais na dinâmica dessas plataformas logo são curtidas, comentadas e compartilhadas, tanto nelas mesmas quanto em outras, ocorrendo um movimento de transbordamento, a partir do qual uma mesma informação circula em

diferentes plataformas. Ainda conforme Lewis (2018), apesar da atuação desses grupos ser coordenada e organizada, a sua capacidade e os seus efeitos ainda têm sido subestimados.

Apesar das investidas e das diversas estratégias, o perfil de Donald Trump permanece suspenso. Devido ao fato de o Brasil possuir um presidente de perfil semelhante ao de Donald Trump, de tal modo que o primeiro muitas vezes é apontado como uma caricatura do segundo, com o banimento de Trump, surgiu nos perfis da direita brasileira um receio de que não apenas suas contas e postagens poderiam ser suspensas, mas a do próprio presidente Bolsonaro, o qual, inclusive, já chegou a ter *posts* apagados pelo twitter, facebook e instagram<sup>18</sup> justamente devido a análise por parte das plataformas de que seus conteúdos incorreram em desinformação relativas a pandemia da covid-19. O episódio acendeu um alerta e, mais que surpresa ou susto, abriu um precedente, indicando não só a sua possibilidade de repetição, mas o poder das próprias plataformas e os limites de seu uso por parte dos sujeitos.

### Considerações finais

O movimento de ocupação e disputas por espaços nas redes sociodigitais assevera o quanto o uso e a presença dos atores nas plataformas de redes sociais, é elemento essencial para a produção e circulação de discussões. A direita global parece ter entendido essa premissa, haja vista os usos que tem feito das redes - na maioria das vezes, de forma exitosa -, demonstrando um domínio apurado das suas linguagens e dinâmicas.

Episódios recentes, como o banimento de Trump das plataformas de redes sociais apontam para uma reorientação destas práticas, contudo, ainda a partir de estratégias que não são novas. Ao se promover análises sobre as repercussões desse acontecimento junto a perfis com atuação no Twitter que se constituem como expoentes da direita brasileira, a qual é articulada e reproduz estratégias da direita global, se observa o quanto práticas como a defesa de Trump e o ataque as plataformas sob a

---

<sup>18</sup> Ver: “Depois do twitter, facebook também apaga post de Bolsonaro” - Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/depois-do-twitter-facebook-tambem-apaga-post-de-bolsonaro.shtml> Acesso em 14 jan. 2020 e “Instagram oculta post de Bolsonaro sobre covid-19: ‘informação falsa’” - Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/05/11/instagram-tira-do-ar-post-de-bolsonaro-sobre-covid-19-informacao-falsa.htm> Acesso em: 14 jan. 2020.

justificativa de uma escalada rumo ao totalitarismo destas é alicerçada em posicionamentos permeados pela desinformação, o ataque ao contraditório, à proliferação de teorias conspiratórias<sup>19</sup> e a defesa irrestrita de personagens como o ex-presidente estadunidense, tudo isso, tomando como base uma perspectiva que vê o direito à liberdade de expressão a partir de vieses bem particulares.

Isso ocorre mediante o encadeamento de discursos verbais e imagéticos que se reforçam a partir de uma rede articulada e atenta às questões que ora se desdobravam. Tanto que apesar das campanhas do *dia do silêncio* ou de migração para outras redes, o que no fim ocorreu foi a permanência nas mesmas plataformas, vista como forma de “ocupação” ou de “resistência” aos “ataques” sofridos, dando vazão a discursos que pareciam estar associados a uma realidade paralela, o que não necessariamente implica em falta de conhecimento, mas em uma estratégia, considerando o poder dos discursos para a construção da realidade social, especialmente no contexto da disputa de narrativas que marca o tempo presente, quando até mesmo fatos históricos ou outros universalmente validados chegam a ser questionados.

No que se refere à ação das plataformas, o banimento da conta de Trump parece ter mostrado uma faceta por vezes não lembrada pelos usuários: a existência de políticas e normas específicas para o seu uso, as quais são continuamente atualizadas com vistas a atender a transformações e especificidades do contemporâneo, o que se por um lado sustenta a sua organização e funcionamento, também revela, por outro, o seu potencial para agenciar determinadas discussões, acendendo um alerta sobre o seu poder em uma sociedade em que as tecnologias e as redes lhes são, nos mais diversos domínios, constituintes.

Um precedente, de fato, foi aberto. E as reações analisadas indicam que as ferramentas amplamente utilizadas pela direita global, onde se ancora também a direita brasileira, possuem limites, fazendo com que o liberalismo tão defendido por esses grupos seja, conforme defendem, revisto. Agora, propõem que as plataformas passem por uma intervenção do Estado, apontando o quanto os seus ideais são frutos de leituras específicas, já que a própria intervenção é tomada por eles em outros contextos como ação de regimes ditatoriais.

---

<sup>19</sup> De acordo com pesquisa realizada por professores da USP e FGV, a cúpula bolsonarista é responsável por 30% dos tuites que promovem as teorias conspiratórias nas redes. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/diogo-schelp/2021/02/04/cupula-bolsonarista-faz-30-dos-tuites-que-promovem-teoria-conspiratoria.htm> Acesso em 04 fev 2021.



Com um discurso que aponta para a necessidade de tutela ou intervenção das redes de modo recorrente, os posicionamentos assumidos parecem responder a um novo receio: se aconteceu com Trump, pode vir a acontecer com os seus respectivos perfis ou, mais do que isso, com o perfil de Jair Bolsonaro, presidente apoiado e defendido. Com isso, o trabalho feito pelas direitas nas redes sociodigitais - muitas vezes justamente aquele que as fez chegar ao poder - seria dificultado, ao mesmo tempo em que os seus principais personagens seriam deslegitimados.

## Referências

ARAÚJO, W. F. **As narrativas sobre os algoritmos do Facebook**: uma análise dos 10 anos do Feed de Notícias. Tese defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017.

BOBBIO, N. **Direita e Esquerda**. Razões e Significados de uma Distinção Política. São Paulo: Editora UNESP, 1995.

FREITAS, R. S. de; CASTRO, M. F. de. Liberdade de expressão e discurso do ódio: um exame sobre as possíveis limitações à liberdade de expressão. **Sequência** (Florianópolis), n. 66, p. 327-355, jul. 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/110241>. Acesso em: 18 out. 2020.

GOMES, W.; DOURADO, T. Fake news, um fenômeno de comunicação política entre jornalismo, política e democracia. **Estudos de Jornalismo e Mídia**, Santa Catarina, v. 16, n. 2, 2019. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2019v16n2p33>. Acesso em: 21 out. 2020.

KRAMER, B. Populist online practices: the function of the Internet in right-wing populismo. **Information, Communication & Society**, 2017.

LEMOS, A. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2015.

LEWIS, R. **Alternative Influence**. Data & Society Research Institute. 2018. Disponível em: <https://datasociety.net/library/alternative-influence/> Acesso em: 14 dez. 2020.

LIMA, C. A. R. **Telenovela transmídia na Rede Globo**: o papel das controvérsias. 259 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade de Pernambuco, Recife, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/29837>. Acesso em: 5 jan. 2020.

MARTINO, L. M. S.; GROHMANN, R. A longa duração dos memes no ambiente digital: um estudo a partir de quatro geradores de imagens *online*. In: **Revista**

**Fronteiras**, n. 1, v. 9, 2017. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2017.191.09>. Acesso em: 29 jan. 2021

ORTELADO, P. Mapping Brazils political polarization. **The conversation**. Disponível em: <https://theconversation.com/mapping-brazils-political-polarization-online-96434>. Acesso em: 14 jun. 2020.

PORCELLO, F.; BRITES, F. Verdade x Mentira: a ameaça das fake news nas eleições de 2018 no Brasil. **Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom**, 41, set. 2018, Joinville: Intercom, 2018.

TARDÁGUILA, C.; BENEVENUTO, F.; ORTELLADO, P. Fake News Is Poisoning Brazilian Politics. WhatsApp Can Stop It. **New York Times**, 17 out. de 2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/10/17/opinion/brazil-election-fake-news-whatsapp.html?ref=nyt-es&mcid=nyt-es&subid=article>. Acesso em: 17 de outubro de 2020.

SANTOS, A. C. dos. **Os “Memes do MBL” e a vinculação de públicos afetivos em rede durante o impeachment de Dilma Rousseff**. Dissertação. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2019. 141f.

SILVEIRA, S. A. A internet em crise. In: SADER, E. (Org.). **E agora, Brasil?**. Rio de Janeiro: Editora do LPP, 2019, p. 245-264.

SILVEIRA, S. A. Direita nas redes sociais online. In: CRUZ, S. V.; KAYSEL, A.; CODAS, G. (Orgs.). **Direita, volver!:** o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015. p. 213-230.

SRNICEK, N. **Capitalismo de plataformas**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Caja Negra, 2018.

TWITTER. Sobre as exceções devido ao interesse público no Twitter. **Central de ajuda Twitter**. Disponível em: <https://help.twitter.com/pt/rules-and-policies/public-interest>. Acesso em: 18 jan. 2021.

VAN DIJCK, J. **La cultura de la conectividad:** una historia crítica de las redes sociales. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2016.

VILLÁZON, J. C. Velhas e novas direitas religiosas na América Latina: os evangélicos como fator político. In: CRUZ, S. V.; KAYSEL, A.; CODAS, G. (Orgs.). **Direita, volver!:** o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015. p. 163-175.